



Revista Educação Especial

ISSN: 1808-270X

revistaeducaçaoespecial.ufsm@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

d'Ávila Becker, Maria Alice

É possível encontrar talentos nas ruas e em instituições prisionais?

Revista Educação Especial, vol. 27, núm. 50, septiembre-diciembre, 2014, pp. 689-698

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313132120011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

E possível encontrar talentos nas ruas e em instituições prisionais?

*Maria Alice d'Ávila Becker**

Resumo

Temos lido que a superdotação é um fenômeno que tem múltiplas facetas e se manifesta no encontro do potencial genético com o estímulo ambiental, aparecendo em comportamentos, situações e ambientes diversos. Embora, em muitos estudos, ainda predomine a identificação em contextos escolares. Nesta comunicação, introduzo a possibilidade de identificarmos talentos em populações que estão excluídas dos programas de atendimento para altas habilidades em nosso país, como os jovens que perambulam pelas ruas e jovens infratores que se encontram presos, mas que estiveram ou ainda estão envolvidos com o sistema escolar. De acordo com a literatura, a identificação de superdotação deve seguir uma sistematização e utilizar a definição mais adequada ao ambiente e situação que está sendo analisada. Além disso, a identificação só tem sentido se, posteriormente, for feito um planejamento para atender as necessidades educacionais e de desenvolvimento dos sujeitos. O que devemos fazer após essa identificação em caso de jovens que estão apresentando potencial e deixando-nos entrever que estamos diante da ponta de um iceberg? E que abaixo do visível, no campo do invisível, está um potencial que é desconhecido de todos, até do próprio sujeito. Termino esta comunicação com a provocação sobre quais são os caminhos que devemos tomar nos próximos anos acerca desse tema que nos apaixona: podemos imaginar um programa de pesquisas e projetos de atendimento à populações como os citados a curto e médio prazo?

Palavras-chave: Jovens infratores talentosos; ECA; Crianças de rua talentosas.

* Professora Doutora da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, Amazonas, Brasil.

Is it Possible to Find Talent in the Streets and in Correctional Institutions?

Abstract

We have read that giftedness is a phenomenon that has many facets and is manifested in the meeting of genetic potential with the environmental stimulus, appearing in various environments, situations and behaviors. Although in many studies the identification in school contexts still predominates, this communication introduces the possibility of identifying talent in populations that are excluded from service programs for high skills in our country, as young people who roam the streets and juvenile offenders who find themselves trapped, but who have been or are still involved with the school system. According to the literature, identifying giftedness should follow a systematization and use the most appropriate definition to the environment and situation that is being analysed. In addition, the ID only has meaning if a planning to meet the educational needs and development of the subject is subsequently made. What should we do after this ID, in case of young people who are showing potential and letting us see we are on the tip of an iceberg? And below the visible, the invisible field is a potential which is unknown to everyone, even the actual subject. We finish this communication with the provocation on which are the paths we must take in the coming years in this theme we are passionate about: we can imagine a research program and projects of assistance to those populations as the short and medium term? What are the most relevant topics for future research in our country?

Keywords: Talented young offenders; ECA; Talented street children.

Introdução

Nesta comunicação vou tratar brevemente sobre questões educacionais em nosso país e sobre o atendimento aos jovens que demonstram talentos fora das escolas tradicionais como forma de ampliar nossa visão, olhando para pessoas que aparentemente estão invisíveis em nossa sociedade.

Para iniciar nossa conversa, divulgo que o jornal Estado de São Paulo noticiou que dos mais de cinco mil municípios brasileiros, 44% não apresentaram nenhum plano municipal de educação. O plano diz respeito ao cumprimento das metas educacionais que cada município planeja para seus estudantes. Os dados são da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e essa falta de planejamento para o campo educacional se deve, em grande parte, a que os governos não dão continuidade aos projetos dos governos anteriores (MANDELLI, 2010). Outra notícia sobre Educação se refere à taxa de analfabetismo funcional, representada pela proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade com menos de quatro anos de estudos completos, que foi estimada em 21% em 2008 (FARID, 2009).

Batista (2007) anuncia um estudo de que nove em dez jovens infratores não têm ensino médio e que 90% dos adolescentes internados por terem cometido algum tipo de infração não completaram a oitava série e, consequentemente, não chegaram ao ensino médio. Esta informação foi retirada de uma pesquisa da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH) cujos dados se referem ao ano de 2002.

Refletindo sobre essas notícias, proponho sairmos da zona de conforto do já conhecido e aceitar o desafio de olharmos de frente nossa realidade indagando que outros estudos são necessários no campo das altas habilidades e talentos em nosso país. Trato, nesta comunicação, principalmente sobre a questão dos desafios da identificação e avaliação em populações que vivem em ambientes prisionais ou em situação de rua e o que podemos fazer para compreender sobre a demonstração inesperada de talentos naqueles ambientes. Nunca é demais lembrar que altas habilidades são encontradas em qualquer nível socioeconômico, cultural e educacional e que na definição da Secretaria de Educação Especial (Seesp) são referidas as conhecidas áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

Ao tomar conhecimento de que, mesmo em locais onde vivem pessoas e onde, comumente o que se foca são os riscos, desvantagens e perigos, como mostra a imensa percentagem da população pobre do país, encontrar crianças, adolescentes e jovens que demonstram algum talento e vislumbrar uma nova realidade mais promissora, é auspicioso. Conseguir se sobressair positivamente em contextos desfavoráveis comprova que a pessoa possui um potencial a ser desenvolvido enfrentando os inúmeros fatores negativos no seu cotidiano.

Conforme o Relatório sobre o Desenvolvimento Humano, a pobreza é vista hoje como sendo multidimensional e inclui a pobreza na saúde, nutrição, falta de água limpa e higiene adequada, exclusão social, baixo nível educacional, condições de moradia, violência, desemprego e muito mais (UNDP Human Development Report 2010).

O que é necessário para sobreviver quando o lugar onde se viveu grande parte da infância foi um ambiente desfavorecido, marginalizado e quando se iniciou a vida em uma família desestruturada sem ter, muitas vezes, o que comer nas refeições? Que fatores compensatórios e protetores ajudaram a enfrentar os riscos e vulnerabilidade? Fatores de risco seria a pobreza, uso de drogas, ser encarcerado, por exemplo, e fatores de proteção seriam auto-estima positiva, habilidades sociais, lócus de controle interno (KITANO; LEWIS, 2005).

Enfrentando os riscos e desenvolvendo o potencial

Todos sabem que o ambiente marca o desenvolvimento cerebral desde antes do nascimento, e as experiências vividas tornam-se aprendizagens que vão sendo organizadas na mente infantil. As mudanças físicas cerebrais se manifestam como mudança em nossas habilidades, o cérebro vai se especializando e quando existe uma maior exposição a um ambiente enriquecedor, se torna naturalmente cada vez mais

complexo. Muitas capacidades que hoje possuímos não existiam décadas atrás e a cultura de onde nascemos vai influenciando muito daquilo que fazemos no dia a dia, nossas habilidades (MERZENICH, 2008). Assim, pergunto que marcas ficam quando é necessário improvisar para ajudar a trazer dinheiro para casa e pensar na sobrevivência do dia a dia. Quando é necessário desenvolver outras habilidades para continuar a viver, mais valorizadas do que estudar?

Ao procurarmos a origem familiar dessas crianças e jovens vemos que a maioria dos pais são analfabetos ou com mínima educação formal e subempregados. Em geral, não tem planejamento do próprio futuro e muito menos planos para orientar o futuro dos seus descendentes, pois sobrevivem da forma que é possível, e assim a ausência de planejamento da própria vida se perpetua entre as gerações. A ligação com pessoas que influenciam negativamente é comum, bem como a agressividade e violência que fazem parte na maioria das vezes no convívio familiar, na rua e na comunidade. As crianças crescem com todas essas informações vividas e ouvidas sobre si, vindas do contexto familiar e social e formam uma noção de self, um conceito de eu sou isso que vivo e que dizem de mim.

Salvo, Matos e Toni (2005) referem que as crianças cujos pais são inconsistentes nos cuidados e educação deixando-as confusas, ora punindo ora não, relaxando em supervisão-las, estarão em situação de risco potencial para o desenvolvimento de comportamentos delinquentes. Rios e Williams (2008) citam que a frequência de problemas de comportamento em crianças chega a incríveis 35% em famílias de baixa renda. Esses comportamentos podem se tornar habituais muito cedo e continuar na adolescência tomando um rumo prejudicial para o desenvolvimento com problemas escolares, seguido de evasão e entrada no uso de drogas, transtornos de conduta e violência.

De acordo com Kitano e Lewis (2005), existe um debate sobre se a maior inteligência protege ou não contra os riscos, mas, na literatura, há um consenso de que somente ser mais inteligente é insuficiente para ter êxito na vida.

Penso que o desafio que temos é o de ampliar nosso campo de visão talvez com novas formas de identificação que estão fora dos contextos escolares já conhecidos e estudados e criar formas de atendimento para suas diversas necessidades.

Ford (1998), em seu artigo, examina a prática americana de décadas da não inclusão de populações de estudantes minoritários nos programas de educação para superdotados. Também, refere a falta de estudos, relatórios e os motivos que levam ao descaso com esses alunos. Entre os fatores encontrados estão a definição e identificação incluindo os instrumentos, assuntos educacionais e pessoais, como a falta de professores com conhecimento no tema das altas habilidades. Em outro artigo, Ford et al (2002) explica que os professores seguidamente interpretam mal e confundem a pobreza com deficiência e que muitos estudantes são rotulados como sendo de risco.

Os autores defendem que os educadores devem ir além do rotulo e aprender a reconhecer o potencial dos alunos que no estudo são de origem africana. Em atitude semelhante, nossos estudos devem, em minha opinião, olhar o potencial que existe na diversidade humana brasileira incluindo os que estão fora das escolas bem como os negros, índios ou outros.

Características comuns

Penso que, inicialmente, devemos tentar observar quais das características e comportamentos já conhecidos se repetem na criança em desenvolvimento em qualquer cultura e nível socioeconômico e que podem ser encontradas mesmo naqueles que nascem e habitam em ambientes extremamente carentes. Crianças e jovens que vivem em famílias desestruturadas com desemprego familiar, pouca ou nenhuma educação formal, falta de moradia e infra-estrutura ambiental e que são denominados de resilientes. Para ser mais didática, proponho que aproximemos os modelos teóricos mais conhecidos e utilizados para identificar os superdotados em escolas, ao modelo sistêmico proposto por Bronfenbrenner na abordagem Bioecológica Humana, bem como aos estudos sobre resiliência já realizados. Os chamados resilientes não serão pessoas com talentos especiais que superaram as desvantagens ambientais e sociais usando seu potencial intelectual, afetivo e criativo?

A pesquisadora Neihart (2004) traz a seguinte proposta de características comuns entre as pessoas superdotadas e resilientes:

Compaixão pelos outros, senso de humor, persistência frente a falhas, convicção moral ou forte código de ética, interesse em espiritualidade ou religião, maneiras respeitosas, capacidade de chamar atenção em forma positiva, habilidade para planejar para o futuro, habilidade em resolver problemas, sentimento de autonomia, possuir uma visão positiva da vida, acreditar que o esforço próprio pode mudar as coisas, interesse em desenvolver um talento especial ou um hobby, flexibilidade nos papéis de gênero.

Acredito que algumas características que podem ser observadas mais facilmente são as que dizem respeito à constituição da própria pessoa, considerando, por exemplo, a precocidade psicomotora e assincronia no desenvolvimento. A destreza no uso do corpo, agilidade de movimentos que aparecem na dança ou atletismo, aptidão artística como a musical, teatral, facilidade no desenho, pintura e riqueza imaginativa podem chamar nossa atenção. Também, outras características citadas na literatura possíveis de serem encontradas são a memória e capacidade de atenção desenvolvidas, até por necessidade de ter uma observação mais aguçada da realidade, para ver além do óbvio e aprender a sobreviver na situação da rua. Talvez outra habilidade presente seja o raciocínio rápido, que pode tornar a pessoa com rica expressão verbal usando argumentos em seu favor. Do mesmo modo outras características que devemos investigar, se também aparecem, é o perfeccionismo e o bem desenvolvido senso do certo e do errado demonstrado na preocupação com crianças famintas, poluição e outras injustiças e violência. Esses traços podem fazê-los sentirem-se diferentes em uma idade muito precoce e é importante então colocá-los juntos com crianças como eles e com pessoas que os entendam. A estimulação ambiental irá depender não só do nível socioeconômico e educacional, mas também de apoio sócio-cultural.

Outra característica que traz sucesso durante a vida pode ser a habilidade interpessoal em fazer amigos, com capacidade de liderança e de comunicação, mesmo que o vocabulário não seja muito desenvolvido, devido ao ambiente sócio cultural pobre. Em relação à capacidade intrapessoal de se mostrar reflexivo e auto-suficiente

deve ser investigada, bem como a motivação, persistência de aprendizagem, a grande curiosidade, motivação e desejo de aprender e sentir-se entediado se não for desafiado. Também deve ser investigada a capacidade de concentração, de resolução de problemas e alegria ao aprender coisas novas. Se todas essas características mencionadas estão aparecendo no inicio da vida, pergunto se, mesmo assim, é possível ter algum destaque e demonstrar habilidades e potencial em área artística ou liderança quando crescem?

Formas de identificação

O estudo de Osborne e Byrnes (1990) fala sobre avaliação em busca de talentos e potencial em superdotação em um Centro de aprendizagem alternativo para jovens problemáticos e insatisfeitos que não conseguiam se adaptar na escola regular. Utilizaram, entre outros instrumentos, um Inventário Acadêmico Biográfico, com sub-testes nas áreas artística, de criatividade e liderança, bem como a nomeação por professores e colegas para identificação dos alunos. O resultado mostrou que 8% dos 93 alunos apresentaram potencial para superdotação.

A literatura publica que existe grande expectativa de futuro brilhante dos que apresentam maior potencial, e pergunto se, no caso desses adolescentes em situação de rua e dos que se encontram presos, ainda é possível ter alguma expectativa e aprender a ter um desempenho superior, numa condição de muita pobreza e falta de estímulos para o desenvolvimento? Sabemos que em nosso país o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) é que trata da proteção à criança e ao adolescente, sendo considerada criança dos oito aos doze incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade e excepcionalmente até os vinte e um anos e deve ser nesta lei que devemos buscar as respostas. Isso porque conforme o artigo 3º da Resolução 46 (1996) do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), cada unidade de internação a jovens infratores deve dar atendimento em educação, saúde, esporte e lazer, assistência social, profissionalização, cultura e segurança. Se a resolução for respeitada os estímulos e cuidados para o desenvolvimento das crianças e jovens estarão assegurados.

Como uma tentativa de responder a essas questões e após essas considerações iniciais apresentamos, a seguir, dois estudos e os novos questionamentos levantados com seus resultados. As dissertações foram realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas com jovens infratores que estão presos e com crianças em situação de rua e que agora são adolescentes. Os dois estudos utilizaram a abordagem da teoria bioecológica humana (BRONFENBRENNER, 2002), entre outras teorias, buscando entender o desenvolvimento humano utilizando a descrição e compreensão dos sistemas da maneira mais contextualizada possível.

O estudo de Perin (2008) foi realizado em três centros socioeducativos em Manaus e teve na amostra os técnicos e os rapazes e moças infratores (as) entre 16 e 18 anos que foram indicados com demonstração de provável potencial. Foi um estudo exploratório e a mestrandona utilizou as informações dos prontuários e os seguintes

instrumentos: escala de Renzulli et al (1976), escala de autoconceito infanto juvenil – EAC-IJ (SISTO; MARTINELLI, 2004), e entrevistas semi-estruturadas. Nenhum adolescente havia concluído o ensino fundamental, e estavam afastados da escola pelo menos há um ano. A idade variava entre 13 e 19 anos, quando cometem o ato infracional. As famílias são, em sua maioria, monoparentais, com as mães trabalhando em ocupações de baixa renda, como lavar roupas e fazer faxinas. Eram elas que acompanhavam as medidas socioeducativas dos filhos e filhas infratores.

Os resultados, neste estudo, mostraram que as habilidades que apareceram com maior frequência, indicadas pelos técnicos e confirmadas pelos(as) jovens na autonomeação foram as artísticas, musicais, criatividade, liderança, planejamento e precisão da comunicação. Perin (2008) relata, no final, que sua sugestão para oferecer cursos na área musical e artística foi implantada em parceria com um órgão do estado do Amazonas.

O outro estudo foi realizado por Cardoso (2009) em adolescentes em situação de rua, envolvendo os técnicos do Programa Criança Urgente. Conforme Morais et al (2010), a criança vai se aproximando aos poucos da situação de rua em que ela encontra alternativas de sobrevivência abrindo novas opções, enquanto vai se afastando de casa onde presencia violência, privação e sofrimento. No estudo participaram quatro adolescentes indicados, seus responsáveis e professores dos que frequentavam a escola durante a coleta de dados. Foram utilizados os seguintes instrumentos: a escala de Renzulli et al (1976); Registro das observações; Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil; TAEC - Test de Abreacción para Evaluar La Creatividad (LA TORRE, 1991); Entrevistas Semiestruturadas. Todos os adolescentes receberam pontuações elevadas nas características de Criatividade, Música, Artes, Comunicação/Expressividade e Drama. Cardoso encontrou os seguintes perfis nos adolescentes: Carlos – áreas linguística (comunicação), dramática, musical, corporal-cinestésica e interpessoal (relacionamento); Leandro – áreas interpessoal (liderança) e linguística (comunicação); Lucas – áreas artística (em relação à desenho e trabalhos manuais), interpessoal (relacionamento e liderança), musical e linguística (comunicação); Tiago – artística (desenhos), linguística (comunicação, escrita), interpessoal (relacionamento e liderança). A mestrandona salientou em sua conclusão que as potencialidades só poderiam ser desenvolvidas com uma rede de apoio social.

Para finalizar

Essas habilidades que apareceram nos resultados dos estudos podem nos dar um direcionamento útil para ampliar nossa visão, que deve ser mais compreensiva ao levarmos em consideração os diversos ambientes em que surgem os potenciais. A teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (2002) permite examinar os diferentes sistemas (micro, meso, exo e macro) e a participação, responsabilidades e as ações que podem ser planejadas.

Esses resultados levantam a questão de como propor atendimento a jovens infratores que foram indicados com potencial em diferentes áreas e que estão presos em centros socioeducativos? Quem irá atender suas necessidades de desenvolvimento e

promover seu potencial? Deverão ser encaminhados ao Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação- NAAH/S? De acordo com Salvo, Matos e Toni (2005) o desencadeamento da conduta anti-social e o uso de drogas apresentadas por adolescentes infratores provem principalmente da negligência com que foram tratados em sua história de vida desde a infância. A negligência se refere ao desinteresse, omissão, descuido incluindo falta de amor dos pais em relação ao que acontece no dia a dia da vida dos filhos.

Do mesmo modo as instituições responsáveis pela educação, ao não planejarem, pois nada foi previsto em lei para essa população que tenhamos conhecimento, estão reforçando o que estes jovens sempre vivenciaram em suas famílias. Como adultos devemos tentar ajudá-los a usar seu potencial criativo e motivá-los a fazer algo mais produtivo com suas vidas modificando seu comportamento e talvez o rumo para sair de uma vida marginalizada.

No Paraná, desde 2003, estão funcionando postos avançados do Centro Estadual de Educação para Jovens e Adultos (EJA), nas Unidades de Atendimento a Jovens Infratores garantido pela Secretaria de Educação. Esta medida segue o que é determinado no ECA que prevê que o adolescente a quem se atribui autoria de ato infracional aguarde sentença em ambiente distinto das cadeias comuns e receba a escolarização necessária. Apesar de a metodologia ser a mesma do ensino fundamental, a assistente pedagógica do Departamento do EJA afirma que os textos utilizados são direcionados para temas sobre dignidade, cidadania, saúde, entre outros. Para atender esses adolescentes os professores são selecionados pelas Secretarias de Estado da Educação, Ação Social e da Justiça e todos são efetivados (Agencia de Notícias, 2004).

Esses jovens com maior potencial necessitam, assim como os que se encontram nas escolas e nos NAAH/S, de adultos mentores, em que a família também seja incluída e os professores ou técnicos de programas e serviços fora das escolas sejam orientados. Talvez seja necessário envolver outros locais como igrejas, clubes, e outros técnicos como assistentes sociais, e mesmo policiais, pois a educação não existe somente na escola e sim no ecossistema social. É necessário que adultos ajudem jovens que estão em situação de risco para a marginalidade e delinquência se envolvendo com drogas em seu tempo livre e em problemas com a lei, podendo se tornar líderes de gangs (MCCLUSKEY et al,2003).

Silva (2005) publica a opinião de um professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) de que ainda é possível reverter o quadro para os jovens cumprindo medidas sócioeducativas com o programa de liberdade assistida e remunerada para os jovens que cometem infrações leves, que custaria menos do que quando estão presos. O professor afirma que deve haver a seleção criteriosa dos servidores que incentivem as práticas diárias com os jovens dentro de um projeto pedagógico que promova sua inserção social. Além disso, aponta ser importante a fiscalização das atividades por instituições como a Assembléia Legislativa, Ordem dos Advogados do Brasil e Ministério Público.

Em resumo, penso que é necessário diversificar a pesquisa para diferentes populações para reconhecer as características, as necessidades e também os recursos que existem nas comunidades. Procurar talentos em outros lugares, nas lan-houses, nos centros esportivos, nas igrejas, bibliotecas e teatros, mapear nas comunidades os recursos pessoais e materiais como ONGs, igrejas, centros comunitários, pessoas que queiram ensinar algo, para apoiar as pessoas identificadas com maior potencial. Benard (2000), em seu texto, mostra como adultos interessados ajudam jovens em risco a usar o potencial escondido e mudar o rumo das suas vidas. Não se preocupar com testar se é ou não é superdotado e nem com os resultados dos testes, pois esses não refletem como a ponta do iceberg, o verdadeiro potencial das pessoas. Questiono se, nesses ambientes, o uso de testes formais tem alguma utilidade, refletindo com Cupertino (1999) que pensa ser a identificação uma experiência de conflito para os pesquisadores, pois os instrumentos que são adequados em uma população podem não ser em outras.

Referências

- Agencia de Notícias (2004). **Secretaria da Educação garante ensino a jovens infratores.** <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=9538&tit=Secretaria-da-Educacao-garante-ensino-a-jovens-infratores>>. Acesso em julho 2010.
- BATISTA, F. (2007). **Nove em dez jovens infratores não têm ensino médio, diz estudo.** Disponível em <http://flaviobatista.com.br/index.php?link_include=includes/conteudo/noticias.php&cod_noticia=8>. Acesso em julho de 2010.
- BERNARD, B. **From Risk to Resiliency:** What Schools Can Do (2000). <http://www.tanglewood.net/projects/teachertraining/Book_of_ Readings/Benard.pdf>. Acesso em julho de 2010.
- BRONFENBRENNER, U. (2002). **A ecologia do desenvolvimento humano:** Experimentos naturais e planejados (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre, RS: Aramed. (Original publicado em 1979).
- CARDOSO, A. O. G. (2009). **Identificando adolescentes em situação de rua com potencial para altas habilidades/superdotação.** Universidade Federal do Amazonas – Educação, AM. Dissertação não publicada.
- CUPERTINO C. M. B. (1999). **Identificação de potenciais diferenciados:** encontros e desencontros de uma equipe de pesquisa em uma comunidade da periferia de São Paulo. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=&q=Christina+M.+B.+Cupertino&sourceid=navclient-ff&rlz=1B5_____pt=-BRB344RB362R&ie=UTF-8> Acesso em julho de 2010
- Farid, J. IBGE: **taxa de analfabetismo ficou inalterada em 2008.** Agencia Estado 18 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ibge-taxa-de-analfabetismo-ficou-inalterada-em-2008,437224,0.htm>> Acesso em julho de 2010
- FORD, D.Y. (1998). The underrepresentation of minority students in gifted education problems and promises in recruitment and retention. **Journal Special Education**, v. 32 (1) 4-14.
- FORD, D. Y.; HARRIS, J. J.; TYSON, C. A.; TROTMAN, M. F. Beyond deficit thinking: Providing access for gifted African American students (2002). **Roeper Review**, V. 24, (2), 52 – 58. Disponível em: <<http://www.informaworld.com/smpp/content~db=all~content=a918721191>>. Acesso em 31 julho 2010.
- KITANO, M. K., LEWIS, R. B. (2005). Resilience and coping: implications for gifted children and youth at risk. **Roeper Review**. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_hb6470/is_4_27/ai_n29199888/?tag=content;col1>. Acesso em 31 julho 2010.
- MANDELLI, M. **Estado de S. Paulo.** IBGE: falta plano de educação a 44% das cidades. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ibge-falta-plano-de-educacao-a-44-das-cidades,569057,0.htm>> Acesso em julho 2010.
- MCCLUSKEY, K. W.; NOLLER, R. B.; LAMOUREUX, K.; MCCLUSKEY, A. L. A. (2003). **Unlocking hidden potential through mentoring.** Disponível em: <http://ius.uwinnipeg.ca/pdf/unlocking_hidden_potential_interim.pdf>. Acesso em julho de 2010.

- MERZENICH, M. (2008). About brain plasticity. **On the Brain**. Disponível em: <http://merzenich.positscience.com/?page_id=143>. Acesso em 31 julho 2010.
- MORAIS, N. A.; NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S.H. (2010) Crianças e adolescentes em situação de rua: história, caracterização e modo de vida. In: MORAIS, N. A.; NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S.H. (orgs). Endereço Desconhecido. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- NEIHART M. (2004). **The emotional edge promoting resilience V4** (4). Disponível em: <http://www.duke-giftedletter.com/articles/vol4no4_ee.html>. Acesso em 31 julho 2010.
- OSBORNE, J. K.; BYRNES, D. A. (1990). Identifying gifted and talented students in an alternative learning center. **Gifted Child Quarterly October**, v. 34 (4) 143-146.
- PERIN, E. D. (2008). **Investigando potencial para altas habilidades em jovens autores de ato infracional**. Universidade Federal do Amazonas – Educação, AM. Dissertação não publicada.
- RENZULLI, J. S., SMITH, L. H., WHITE, A. J., CALLAHAN, C. M., & HARTMAN, R. K. (1976). **Scales for rating the behavioral characteristics of superior students**. Manual. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press.
- Resolução nº 46, de 29 de outubro de 1996. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA)**. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh/conselho/conanda/.arqcon/.arqcon/46resol.pdf>. Acesso em julho de 2010.
- RIOS, K. S. A.; WILLIAMS, L. C. A. (2008). Intervenção com famílias como estratégia de prevenção de problemas de comportamento em crianças: uma revisão. **Psicologia em Estudo**, v. 13 (4) Maringá.
- SALVO, C. G.; MATOS, E. F. S.; TONI, P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. **Estudos de Psicologia**, v. 22,(2), Campinas.
- SILVA, L. (2005). **É possível fazer algo pelos jovens infratores?** Fundação Centro de Ciências e Educação Superior R.J. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materias/0275.html>>
- SISTO, F. F.; MARTINELLI, S. C. (2004). **Escala de autoconceito infanto-juvenil (EAC-IJ)**. São Paulo: Vetor.
- TORRE, S. DE LA (1991). **Evaluacion de la creatividad**. Madrid: Editorial Escuela Española S.A.
- UNDP **Human Development Report** (2010). Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2010/>>. Acesso em julho 2010.

Correspondência

Maria Alice d'Avila Becker – Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Psicologia. Av. Gal. Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 3000, Coroadinho, CEP: 68070000 – Manaus, Amazonas – Brasil.

E-mail: malicebecker4@gmail.com

Recebido em 11 de abril de 2014

Aprovado em 10 de junho de 2014